

REPRESENTAÇÕES EM ROMANCES DE ERICO VERISSIMO: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA A PARTIR DA HISTÓRIA CULTURAL E DA LITERATURA

MORAIS, Roselusia Teresa Pereira de¹

¹ Doutoranda em Educação no PPGE da FaE/UFPel. – Rua Alberto Rosa, 154 – Bairro Centro – Pelotas, RS – CEP: 96010-710. roselusiamorais@gmail.com.br

PERES, Eliane Teresinha²

² Orientadora. Professora do PPGE da FaE/UFPel. – Rua Alberto Rosa, 154 – Bairro Centro – Pelotas, RS – CEP: 96010-710. etperes@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a possibilidade de identificar representações em romances produzidos pelo escritor Erico Verissimo (1905 – 1975) a partir de uma abordagem teórico-metodológica da História Cultural e da Literatura. O presente estudo faz parte da dissertação de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, que analisou algumas obras literárias do referido escritor.¹

Os fundamentos teórico-metodológicos desta investigação consistem em um conjunto de conceitos do campo da Educação, Literatura e História da Educação. Para a realização desta investigação foi utilizada como categoria de análise, principalmente, o conceito de representação de Roger Chartier (2009). Além disso, os estudos de pesquisadores da História da Educação e da História da Literatura contribuíram na compreensão do objeto de estudo investigado.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Os procedimentos metodológicos, deste estudo, foram a análise de romances produzidos por Erico Verissimo, no período de 1933 a 1940 - início da carreira do escritor e romancista. Esse período compreende as publicações das seguintes obras selecionadas para análise: *Clarissa* (1933), *Música ao longe* (1935), *Um lugar ao sol* (1936), e *Saga* (1940).

Erico Verissimo nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, no dia 17 de dezembro de 1905, filho de Sebastião Veríssimo da Fonseca e Abegahy Lopes Veríssimo. Era descendente, pelo lado paterno, de emigrantes portugueses da Freguesia do Ervedal, na Beira Alta e, pelo lado materno, de tropeiros de Sorocaba (VERISSIMO, 1981). E morreu de enfarte, em 1975. É um dos escritores mais reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. Apresentá-lo implica considerar o processo de criação literária e a autoria ligada à produção de sentidos e motivações para a escrita.

O escritor inaugurou a sua carreira como romancista com a produção do romance *Clarissa*, que foi escrito em “quinze tardes de sábado e uma boa dúzia de domingos, feriados e dias santos” (VERISSIMO, 2005, p. 12). Em um prefácio

¹ Dissertação de Mestrado intitulada: “Representações da docência em romances de Erico Verissimo: a personagem Clarissa”, defendida em abril de 2010, sob a orientação da professora Dra. Eliane Peres. (PPGE da FaE – UFPel). A pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

do escritor, da reedição do primeiro romance produzido, ele descreveu como construiu a personagem Clarissa:

Sob os jacarandás floridos da velha praça da Matriz de Porto Alegre, caminhava uma rapariguita metida no seu uniforme de normalista. Teria quando muito treze anos, seu andar era uma dança, seu rosto uma fruta madura e seus olhos, que imaginei escuros, deviam estar sorvendo com aridez a graça luminosa e também adolescente daquela manhã de primavera. De minha janela eu a contemplava com a sensação de estar ouvindo, uma sonata matinal e ao mesmo tempo vendo uma pintura animada. [...] (VERISSIMO, 2005, p. 12).

Baseado em uma cena do dia, o escritor, descreveu a construção da personagem Clarissa, a partir de um desejo de “saber compor música para traduzir em melodia aquele momento poético; ou então pintar, para prender numa tela as imagens daquele minuto milagroso [...]” (VERISSIMO. **Clarissa**.1978, Prefácio). No entanto, não pretendo estabelecer uma relação direta da vida de Erico Verissimo com a criação dos personagens em sua obra até porque existe um limite entre a memória descrita pelo escritor e a criação de personagens em obras de ficção. Como ele mesmo indica, é possível admitir que há uma correspondência que está imbricada no ato de criar e escrever e a consequente produção de sentidos do que é vivido, experimentado e sentido em sua vida.

Esse dados são relevantes na compreensão das representações criadas pelo escritor, pois indicam os cenários vividos por ele. Embora não seja possível afirmar que suas as experiências escolares e atividades tenham sido definidoras na criação ficcional, também não há como negar essa relação, uma vez que para Vargas Llosa (2008):

a raiz de todas as histórias está na experiência de quem as inventa; o que se viveu é a fonte que irriga a ficção. Isso não significa é claro, que um romance seja sempre uma biografia dissimulada do seu autor, mas, sim, que em toda ficção, mesmo na mais livremente concebida, é possível rastrear um ponto de partida, uma semente íntima, visceralmente ligado à soma das vivências de quem a forjou (LLOSA, 2008, p.19-20).

Essa abordagem admite, portanto, que a representação na ficção é uma construção feita a partir do real. Dessa forma, como Pesavento (2005) afirma é uma “*exposição*”, uma “*reapresentação de algo ou alguém*” que se coloca no lugar de um outro. Isso não significa afirmar que há uma relação direta entre o vivido e as representações na ficção escrita pelo escritor, mas é significativo considerar esses dados como relevantes no processo de criação literária. O próprio escritor atribui às pessoas do seu convívio e às experiências sociais a possibilidade de oferecer ao romancista “elementos para uma variada e colorida galeria de personagens” (VERISSIMO, 1981, p. 91).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta perspectiva, Pesavento (2005) afirma que a ficção permite observar e identificar realidades múltiplas sobre a *instância cultural* em que é ou foi produzida. Significa, portanto, situá-la para além do verdadeiro e do falso, mas admitir a “capacidade humana originária possível de recriar o mundo” e identificar uma “expressão da linguagem e pensamento de tudo o que existe e é identificado, percebido, nomeado, qualificado e expresso pelo escritor” (PESAVENTO, 2002, p.35).

Para Pesavento (2005), essa abordagem auxilia a compreensão da Literatura produzida por Erico Verissimo e as suas respectivas representações do mundo expresso por nele. *Representação* é uma categoria central da História Cultural que foi incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no início do século XX. Eles estudaram formas integradoras da vida social, construídas pelos homens para manter a coesão do grupo e que propõem como representação do mundo.

Embora a noção de representação seja comumente usada e (re) formulada em diversas áreas do conhecimento, e, em especial, para os historiadores, não há consenso formal e universal para o conceito. A noção de representação, segundo Pesavento (2005), é assumida por vários autores, como Roger Chartier, Robert Darnton e Carlo Ginzburg, mas não de modo formal e claro por esses autores. No entanto, a autora afirma que, de uma maneira geral, “todos trabalham com a mesma ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas.” (PESAVENTO, 2005, p.17). Nesse sentido, significa admitir a existência de representações que são expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos. Ainda segundo a autora, a “representação é conceito ambíguo [...] A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele.” (PESAVENTO, 2005, p. 40).

Discutir a noção de representação como conceito fundamental de análise, neste estudo, implicou considerar a perspectiva adotada por Roger Chartier (2009) quando afirma que a noção de representação não nos afasta do real nem do social. Segundo o autor:

Ajuda os historiadores a se desfazerem da ‘ideia muito magra do real’, como escrevia Foucault, que durante longo tempo foi a sua, insistindo na força das representações, sejam elas interiorizadas ou objetivadas. As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é. Nesse sentido, produzem as brechas que rompem às sociedades e as incorporam nos indivíduos (CHARTIER, 2009, p.51 - 52).

Esse conceito permite vincular as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais. Segundo Chartier, “as representações coletivas, na maneira como são definidas pela sociologia de Durkheim e Mauss, incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social”. (CHARTIER, (2009, p.50).

Portanto, através desse entendimento, o autor afirma que, ao conduzir a história dando-lhe como *pedra fundamental à história das representações*, é possível “vincular o poder dos escritos ao das imagens que permitem lê-los, escutá-los ou vê-los, como as categorias mentais, socialmente diferenciadas, que são as matrizes das classificações e julgamentos” (CHARTIER, 2009, p.52).

Compartilhar dessa afirmação demarcou a busca pelo paradigma alternativo, definido por Carlo Ginzburg (1989) como método *indiciário* que pressupõe o reconhecimento de *sinais* com a garantia de uma legítima pluralidade das interpretações. O que implica operações de análise, comparações e classificações, assim, o autor afirma que é justamente graças à literatura de imaginação que o paradigma indiciário permite “uma atitude orientada para a

análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios”(GINZBURG, 1989, p.154).

Essa discussão teórica e metodológica é baseada, sobretudo, nas contribuições da corrente historiográfica denominada *Nova História Cultural*. Essa posição interpretativa significou “a crítica ou contestação de certas posturas historiográficas presentes nessa ruptura dos paradigmas das últimas décadas do século XX” (PESAVENTO, 2005, p.9). Dessa maneira, a pesquisa na área da História da Educação, nas duas últimas décadas, com o advento da Nova História Cultural, ampliou as possibilidades de estudo a partir da definição de novos temas e problemas de pesquisa e, conseqüentemente, a utilização de documentos e fontes “não tradicionais”.

Neste sentido, baseado em Lopes e Galvão (2001), o romance, como um gênero literário, é uma possibilidade de identificar representações, uma vez que os diversos textos literários podem nos auxiliar na compreensão de ideais ou imagens representadas e divulgadas, como opção para fazer mediações entre a ficção e a “reinterpretação” construídas pelo escritor.

4 CONCLUSÕES

Portanto, o escritor é aquele que, atento ao mundo em que vive, transporta para o universo ficcional uma forma específica e particular “de ver e dizer” esse mundo. Ele “inventa” seu mundo ficcional e, ao fazê-lo, carrega experiências vividas. A escrita literária pode ser compreendida como uma prática humana situada em um contexto e que tem formas, modos e estruturas próprias. A narrativa, a poesia, o conto, o romance, a crônica, entre outros textos literários, nos permite acessar ideias, ideais, representações, símbolos, costumes vistos através da perspectiva de um escritor.

5 REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. [tradução de Cristina Antunes]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.(Coleção: O que você precisa saber sobre...).
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.
- VARGAS LLOSA, Mario. **Cartas a um jovem escritor: toda vida merece um livro**. [trad de Regina Lyra]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- VERISSIMO, Erico Lopes. **Clarissa**. 30º ed. Porto Alegre: Editora Globo. 1978.
- _____. **Clarissa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Coleção Companhia de Bolso).
- _____. **Música ao Longe**. 30º ed. Porto Alegre: Editora Globo. 1981.
- _____. **Um lugar ao sol**. 23º ed. Porto Alegre: Editora Globo. 1978.
- _____. **Saga**. 16º ed. Porto Alegre: Editora Globo. 1981.